

João Paulo Pimenta Mattos¹
Marcela Cirne de Albuquerque¹
Teresa Cristina Rangel Pereira²
Maria Helena Monteiro de Barros Miotto³

UFES dentistry students' knowledge about vaccination against of infectious diseases

| Conhecimento dos acadêmicos de Odontologia da UFES quanto à vacinação das doenças infectocontagiosas*

ABSTRACT | Introduction: Every health students and professionals must be vaccinated to prevent occupational diseases, like Rubella, Hepatitis B, Tuberculosis, and Tetanus. Objective: This study examined the knowledge of infect diseases among Federal University of Espírito Santo dentistry' students. Methods: This cross-sectional study was conducted in the second half of 2008 in the University, and collected data through self-reported questionnaires. Responses were obtained from 142 students. Results: Among the 142 students participating, 62.7% female, 111 (78.2%) reported being with vaccination schedule up to date, but only 17 participants (12%) claimed to have already done some examination to see the immunization after vaccination. For diseases of greatest risk of infection, 95.8% of respondents pointed to hepatitis B, tetanus 73.9% o, followed by hepatitis A and C, with 39.4%. Conclusion: It can be concluded that most students presented the vaccination book up to date, but only a small portion held examination to see immunization after vaccination, with reference to information campaigns about the need for monitoring of vaccine response.

Keywords | *Vaccination; Occupational exposure; Students dental.*

Resumo | Introdução: Toda equipe de profissionais e acadêmicos da saúde deve ter como norma a vacinação preventiva das doenças que apresentam grande risco de contágio ocupacional, como a rubéola, hepatite B, tuberculose e tétano. Objetivo: Verificar o conhecimento, entre os alunos do Curso de Odontologia da Universidade Federal do Espírito Santo, sobre as doenças infectocontagiosas de grande risco ocupacional e sua percepção quanto à vacinação como barreira de proteção como futuros cirurgiões-dentistas. Metodologia: Trata-se de um estudo analítico observacional transversal, realizado no segundo semestre de 2008, na própria universidade, por meio de um questionário autogerenciado. A amostra utilizou como parâmetros uma prevalência de 50%, com margem de erro de 5%, e nível de confiança de 95%. Foi composta por 151 indivíduos, sorteados aleatoriamente. Resultados: Dentre os 142 alunos participantes, 89 do sexo feminino, 111 (78,2%) relataram estar com a caderneta de vacinação em dia, porém somente 17 participantes (12%) afirmaram já ter feito algum exame para constatar a imunização após a vacinação. Em relação às doenças de maior risco de contágio que podem ser evitadas por vacinação, 95,8% dos entrevistados assinalaram a hepatite B, 73,9% o tétano, seguido de hepatites A e C, com 39,4%, e ainda AIDS, com 6,3%. Conclusão: Enquanto a maioria dos estudantes declara apresentar a caderneta de vacinação em dia, quando questionados sobre quais doenças infectocontagiosas que podem ser evitadas com o uso de vacinas, o índice de erros foi preocupante. Apenas uma pequena parcela dos alunos realizou exame para constatar imunização após a vacinação, sendo indicadas campanhas informativas sobre o assunto.

Palavras-chave | Vacinação; Exposição ocupacional; Estudantes de Odontologia.

*Trabalho de conclusão de curso.

¹Cirurgião-dentista – UFES.

²Professora assistente da disciplina Clínica Integrada – Odontologia UFES.

³Professora adjunto da disciplina Clínica Integrada Infantil – Odontologia UFES; mestre e doutoranda em Saúde Coletiva – UPE.

Introdução |

Doenças ocupacionais são resultantes de exposições a certos agentes químicos, físicos e biológicos presentes no local de trabalho. Quando se fala em agentes biológicos, logo se associa aos profissionais da área da saúde, que estão constantemente em contato direto com vetores de transmissão das doenças infectocontagiosas, como hepatites B e C, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), tuberculose, rubéola e tétano, nos ambientes hospitalares, ambulatoriais e laboratoriais¹².

Os profissionais de saúde estão expostos aos acidentes do trabalho, às doenças profissionais e às doenças do trabalho, inerentes ao desempenho de suas atividades laborais⁴.

Os profissionais e acadêmicos de Odontologia estão no grupo de grande risco de contágio. Isso porque, além do relacionamento direto com os pacientes, eles manuseiam, constantemente, materiais perfurocortantes infectados e também capazes de produzir aerossóis. Por isso, medidas de proteção individual são indicadas para evitar a transmissão ocupacional na Odontologia, incluindo o uso de equipamentos de proteção individual (luvas, máscara, óculos de proteção e jaleco) e a vacinação preventiva de todo o pessoal que realiza tarefas que envolvam contato com sangue e fluidos corporais, instrumentos perfurocortantes ou superfícies contaminadas por fluidos corporais. A vacinação deve ser completada preferencialmente ainda durante o treinamento, antes que os indivíduos tenham contato com a atuação clínica e, conseqüentemente, com os riscos de contaminação e materiais citados^{3,5}.

Os acidentes de trabalho com sangue e outros materiais contaminados devem ser tratados como emergência médica. Sendo assim, medidas de precaução universal (padrão) devem ser tomadas, incluindo a utilização de equipamentos de proteção individual (EPIs)^{3,4}.

Levando em consideração o alto risco de infecção direta que os profissionais e acadêmicos da Odontologia correm, é evidente a importância da vacinação como primeira barreira de proteção contra as doenças infectocontagiosas, para as quais existe a vacina. No Brasil, a vacina para hepatite B é recomendada para todos os profissionais da área de saúde expostos ao contato com material biológico e deve ser aplicada em três doses. Para o vírus da hepatite C, ainda não existe

intervenção específica para prevenir a sua transmissão³.

Alguns estudos a respeito do conhecimento entre profissionais e alunos da área de saúde sobre vacinação já foram realizados no País.

Garcia, Blank e Blank⁵ desenvolveram um estudo transversal na cidade de Florianópolis-SC, sobre a adoção de medidas de proteção individual contra a hepatite B entre cirurgiões-dentistas e auxiliares de consultório dentário. Os dados foram coletados por meio de questionários autoaplicáveis. Foram obtidas respostas de 289 cirurgiões-dentistas e 104 auxiliares. Como resultado, os pesquisadores obtiveram que a prevalência da vacinação completa contra a hepatite B foi de 73,4% entre os cirurgiões-dentistas e 39,4% entre os auxiliares, mas apenas 32,1% e 21,9% deles, respectivamente, monitoraram a resposta vacinal. Concluíram, assim, que são indicadas campanhas visando à vacinação daqueles que não o fizeram ou não completaram o esquema vacinal e informações sobre a necessidade do monitoramento da resposta vacinal. Medidas educativas são recomendadas para aumentar a adesão às medidas de proteção pessoal.

Uma pesquisa realizada em 2004, em Vitória, ES, analisou os hábitos e atitudes em uma amostra de 240 estudantes de Odontologia da UFES por meio de um questionário autogerenciado e estruturado. Os autores observaram que, em relação à vacinação, 141 (58,7%) dos acadêmicos estavam vacinados contra a hepatite B, mas, com referência a outras vacinas, não se encontravam protegidos: tétano 124 (51,7%), rubéola 160 (66,7%), tuberculose 230 (95,8%), febre amarela e 221 (92,1%) dos acadêmicos informaram a não proteção. Concluíram os pesquisadores que o conhecimento sobre os fatores relacionados com o controle e prevenção de doenças não foi capaz de gerar mudanças de hábitos após o ingresso na universidade, visto que a maioria dos alunos não se encontrava imunizada contra as principais doenças¹.

Na Universidade Federal da Paraíba, em 2006, foi realizada uma pesquisa para avaliar o conhecimento e a prática de segurança contra hepatite B entre os graduandos do 1º ao 10º períodos do Curso de Odontologia. A amostra do trabalho foi composta por 197 estudantes que responderam a 17 perguntas sobre conhecimentos da doença e o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs). A grande maioria dos acadêmicos 176 (89,3%) relatou ter conhecimentos

sobre os meios de transmissão do HBV, mas, ainda assim, 99 (50%) dos estudantes declararam não estar imunizados contra o vírus².

Também em 2006, estudantes da FAMINAS-Muriae realizaram uma pesquisa entre os graduandos dos Cursos de Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia, para verificar o conhecimento sobre o Calendário de Vacinação Ocupacional da Área da Saúde e se estavam em dia com o calendário. Foram entrevistados 412 alunos: 149 do Curso de Farmácia, 194 do Curso de Enfermagem e 69 do curso de Fisioterapia. Dentre os entrevistados, 42% do Curso de Farmácia, 65% do Curso de Enfermagem e 42% do Curso de Fisioterapia sabiam da existência do calendário. Quanto à imunização, eles concluíram que, apesar de a maioria ter relatado ser vacinada, o percentual deveria ser ainda maior, visto que esses futuros profissionais estarão frequentemente em contato com agentes infectantes advindos de pacientes doentes⁷.

Com o objetivo de avaliar a adesão dos profissionais de saúde à profilaxia contra o vírus da hepatite B, os cartões de vacina de 82 profissionais da saúde da Universidade de Viçosa, MG, foram avaliados. Observou-se que 30,49% estavam vacinados, 29,27% não estavam vacinados e 40,24% não apresentaram o cartão de vacina. Os autores concluíram que os serviços de saúde precisam orientar os seus profissionais sobre a importância da vacinação¹⁰.

Um estudo analisou os acidentes com material biológico com acadêmicos da área de saúde em hospital de ensino no interior paulista. Dos 170 acidentes registrados, 48,8% ocorreram com alunos de Odontologia e 40,6% com estudantes de Medicina. Os acidentes percutâneos aconteceram em 133 (78,2%) das exposições e em 127 (74,7%) dos acidentados o esquema vacinal contra hepatite B estava completo⁶.

Um estudo realizado com CDs estudantes dos cursos de especialização da ABO-ES encontrou uma prevalência de acidentes com material perfurocortante de 55,2%. A região mais afetada foram as mãos e 82,8% declararam estar vacinado contra hepatite B e 86,2% contra o tétano¹¹.

Um estudo realizado em Recife, PE, com 300 acadêmicos selecionados aleatoriamente das duas faculdades de Odontologia de Recife, encontrou uma prevalência de acidentes com perfurocortantes de 25,3%, sendo maior nos alunos dos últimos períodos. A maioria (73,7%) dos acidentados adotou, como

medida profilática, apenas a lavagem das mãos com água e sabão. A procura de serviços médicos especializados em acidentes ocupacionais foi feita por 13,2% dos alunos. Os autores verificaram a necessidade de potencializar as medidas profiláticas em face do potencial de contaminação biológica, objetivando maior proteção à saúde dos acadêmicos⁹.

O objetivo do trabalho foi avaliar o conhecimento dos estudantes do 1º ao 9º período do Curso de Odontologia da Universidade Federal do Espírito Santo, sobre doenças infectocontagiosas de grande risco ocupacional e sobre vacinação como barreira de proteção.

Metodologia |

Para o cálculo amostral, foi verificado o número de acadêmicos matriculados no Curso de Odontologia da UFES, um universo de 310 indivíduos. Foram utilizados, como parâmetros para o cálculo amostral, a prevalência 50%, o nível de confiança de 95% e a margem de erro de 5,0%. Foi obtida uma amostra mínima de 151 indivíduos. A amostra foi aleatória, dando oportunidade igual a todos os acadêmicos de participar da pesquisa.

Quanto ao critério de inclusão, os participantes deveriam estar matriculados no Curso de Odontologia na Universidade Federal do Espírito Santo, no semestre letivo de 2008/2.

Como critério de exclusão, não participariam da pesquisa estudantes de Odontologia da UFES que não estavam matriculados em nenhuma disciplina do curso no semestre letivo 2008/2 e também estudantes que se encontravam afastados por motivo de doença ou licença-maternidade.

A variável dependente foi o esquema de vacinação atualizado. As variáveis independentes foram: sexo e o período estudantil do entrevistado.

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Ciência da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, iniciou-se o levantamento de dados por meio de um questionário autogerenciado com seis questões fechadas. Foram coletadas informações sobre a vacinação e dados do respondente.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelos participantes ou pelo responsável legal do menor acadêmico e continha todas as informações

da pesquisa. Vale ressaltar que nenhum participante sofreu qualquer tipo de transtorno e sua participação na pesquisa foi totalmente voluntária e validada pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados |

Foi realizada uma estatística descritiva dos dados, por meio de tabelas de frequência com número e percentual. Os dados mais relevantes foram mostrados em gráficos de colunas. A associação da vacinação em dia com as variáveis sexo e período cursado foi testada pelo teste qui-quadrado. O nível de significância adotado foi de 0,05. O pacote estatístico SPSS 15 (Social Package Statistical Science) foi utilizado para esta análise.

O índice de retorno dos questionários foi de 94%, ou seja, 142 participantes, entre os 151 alunos sorteados que compunham a amostra, com uma perda de nove indivíduos (6%), três por desistência do curso e seis por não terem sido encontrados.

A Tabela 1 apresenta os dados demográficos dos participantes da pesquisa.

Tabela 1. Dados demográficos dos participantes

Característica	Número	Percentual
Sexo		
Feminino	89	62,7
Masculino	53	37,3
Período		
1	20	14,0
2	12	8,5
3	13	9,2
4	13	9,2
5	14	9,9
6	13	9,2
7	21	14,8
8	26	18,2
9	10	7,0
Total	142	100,0

Observa-se um maior número de alunos do sexo feminino (62,7%), em relação a alunos do sexo masculino (37,3%). Outro dado também demonstrado é o percentual de cada período na amostra (Tabela 1).

Na análise quanto à vacinação entre os sexos feminino e masculino, obteve-se o seguinte resultado:

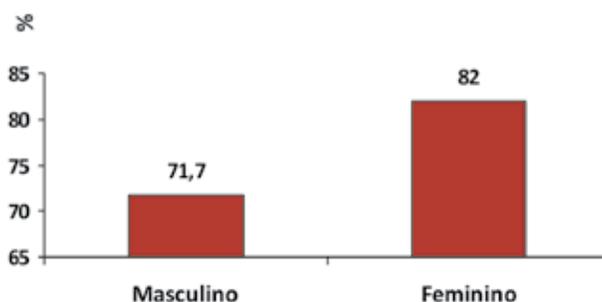


Gráfico 1. Percentual dos acadêmicos que declararam estar com o esquema de vacinação atualizado $p = 0,150$

Observando o Gráfico 1, percebe-se que, entre os participantes do sexo feminino, 82% afirmaram estar devidamente vacinados. Em relação ao sexo masculino, esse percentual foi de 71,7%. Apesar das diferenças numéricas, não há diferença estatisticamente significativa entre os acadêmicos do sexo feminino e masculino ($p = 0,150$).

Tabela 2. Dados sobre vacinação em acadêmicos de Odontologia da UFES

Característica	Número	Percentual
Conhece o calendário de vacinação ocupacional		
Sim	31	21,8
Não	111	78,2
Caderneta de vacinação atualizada		
Sim	111	78,2
Não	31	21,8
Exame para constatar imunização após vacinação		
Sim	17	12,0
Não	125	88,0

Como podemos observar na Tabela 2, a maioria dos participantes (78,2%) afirmou estar com a caderneta de vacinação em dia, porém apenas uma minoria (12%) declarou já ter realizado exame sorológico para constatar a imunização após a vacinação, e uma pequena parcela dos estudantes (21,8%) relatou ter ouvido falar em um calendário de vacinação ocupacional.

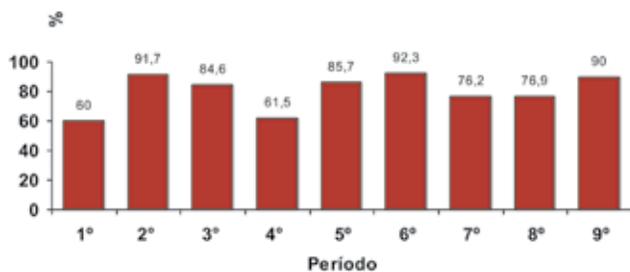


Gráfico 2. Análise do percentual dos acadêmicos com esquemas de vacinação atualizado $p = 0,235$

Ao analisar o Gráfico 2, pode-se identificar que os percentuais de vacinação entre os estudantes pesquisados não se altera entre os períodos. As diferenças encontradas não foram estatisticamente significantes ($p=0,235$). Observa-se, portanto, que o período estudantil não apresentou influência considerável quanto ao número de alunos vacinados.

A Tabela 3 apresenta os dados referentes à percepção dos alunos em relação as doenças infecciosas evitáveis por vacinação.

Tabela 3. Doenças de risco ocupacional que podem ser evitadas por vacinação segundo a percepção dos acadêmicos de Odontologia da UFES

Doença	Número	Percentual
Tuberculose	16	11,3
Pneumonia	2	1,4
Coqueluche	8	5,6
Gripe	55	38,7
Caxumba	7	4,9
Tétano	105	73,9
Sarampo	34	23,9
Hepatite A	56	39,4
Varíola	16	11,3
Mononucleose	1	0,7
Hanseníase	1	0,7
Febre Amarela	14	9,9
Hepatite B	136	95,8
Rubéola	50	35,2
HIV	9	6,3
Poliomielite	8	5,6
Hepatite C	56	39,4
Difteria	1	0,7

Quando questionados em relação às doenças infectocontagiosas de maior risco ocupacional que podem ser evitadas por vacinação, observa-se que 95,8% dos entrevistados concordaram que a hepatite B apresenta alto risco de contágio. Em contrapartida, pode-se ob-

servar que doenças cuja vacina ainda não existe, como HIV e hanseníase, aparecem nas respostas dos entrevistados como preveníveis por meio de vacina.

Discussão |

Os dados deste estudo foram coletados a partir de uma amostra de acadêmicos de Odontologia da Universidade Federal do Espírito Santo e, portanto, podem não apresentar a realidade da população de estudantes de outras instituições.

O risco inerente de contaminação na prática odontológica torna a profilaxia por meio de vacinas uma proposta obrigatória para todo profissional dessa área, inclusive para aqueles que ainda estão em período de formação acadêmica.

Neste contexto, um importante resultado do presente estudo foi o fato de a maioria dos estudantes da UFES (78,2%) afirmar estar em dia com a caderneta de vacinação, resultado este satisfatório, quando comparado com o obtido por uma pesquisa realizada em 2004, na qual apenas 58,7% dos estudantes declararam estar vacinados contra a hepatite B¹. A comparação desses resultados pode sugerir uma mudança positiva no comportamento do acadêmico. Parece que está acontecendo uma maior atenção em relação à vacinação contra a hepatite B em nosso Estado, fato confirmado pelo estudo realizado com pós-graduandos da ABO-ES, em que foi verificado um alto percentual de profissionais vacinados (82,8%)¹¹.

Esse resultado também foi satisfatório, quando comparado com os de outras universidades, como o resultado encontrado na Paraíba, onde somente 50% dos acadêmicos de Odontologia declararam estar vacinados contra a hepatite B², e também com outros universitários, como os estudantes de Farmácia e Fisioterapia, com apenas 42% vacinados, e os de Enfermagem com 65% dos alunos declarando proteção contra a hepatite B⁷.

Por outro lado, observou-se, no presente estudo, que apenas 12% dos entrevistados afirmaram ter realizado exames para constatar imunização após a vacinação, o que torna preocupante a questão do autocuidado do futuro cirurgião-dentista. Foi observado, durante a coleta de dados, que muitos acadêmicos, independentemente do período que estavam cursando, não conheciam ao certo o que é um exame para constatar imunização vacinal. Isso reforça a ideia da necessida-

de de um programa de informação sobre o assunto na universidade. Esse dado é similar ao encontrado em um estudo da Universidade de Montes Claros, realizado por Martins e Barreto, citado por Garcia, Garcia e Blank⁵, em que se concluiu que a falta de informação parece ser um dos principais fatores limitantes do controle da vacinação, pois a necessidade de mais informações foi a razão comumente alegada pelos entrevistados para a não vacinação, a vacinação incompleta e a falta de controle posterior.

O risco de transmissão ocupacional para um profissional de Saúde não imunizado varia de 2 a 40%³. A pesquisa ainda adverte que “[...] o risco do cirurgião-dentista ou do paciente adquirir a infecção durante o atendimento odontológico não é alto, mas a transmissão pode ocorrer do paciente para o cirurgião-dentista, e do profissional para o paciente e de um paciente para outro”³.

Diante desses fatores, vale a pena ressaltar a importância da realização de um controle após as vacinas, levando em consideração o envolvimento dos pacientes, dos profissionais auxiliares e do cirurgião-dentista.

Ainda exemplificando a falta de informação dos alunos sobre as doenças infectocontagiosas que podem ser evitadas por vacinação, o índice de erros foi consideravelmente alto. Analisando os resultados deste estudo, percebe-se uma divergência de respostas entre os alunos. Doenças como o tétano, gripe, varíola e rubéola, que têm suas vacinas, deveriam ter tido um maior índice percentual, enquanto doenças para as quais ainda não existem vacina foram assinaladas como resposta: hepatite C, pneumonia, hanseníase e até mesmo a síndrome da imunodeficiência humana, a AIDS.

A diferença estatisticamente não significativa de alunos vacinados entre os períodos sugere que o conhecimento dos acadêmicos sobre vacinação é anterior ao ingresso na Universidade, demonstrando a pouca participação na construção desse conhecimento da instituição formadora.

Estes resultados sugerem uma política de orientação ao estudante recém-matriculado, ou até mesmo de uma campanha de incentivo à vacinação preventiva ainda no primeiro período do curso, pois é de extrema relevância a conscientização do futuro profissional acerca de suas relações. Com isso, além de possibilitar a total imunização dos futuros acadêmicos de Odontologia, contribuiria para a criação de um Calendário

de Vacinação Ocupacional próprio, diferenciado para os estudantes de cada área.

Um fator agravante é que não foi relatado conhecimento quanto à existência de protocolos a serem seguidos em relação à imunização nas instituições de ensino. Esses resultados merecem uma reflexão profunda da instituição formadora, apontando para a necessidade de uma reavaliação da estrutura de conteúdos, de uma orientação efetiva em relação à proteção contra acidentes com material biológico e para a importância da vacinação e conduta adequada em frente aos acidentes, com o intuito de procurar diminuir cada vez mais esse tipo de comportamento, que poderá acarretar sérios problemas associados à saúde para o estudante, podendo comprometer a sua qualidade de vida e o seu futuro profissional.

Conclusão |

A maioria dos estudantes afirmou ter a caderneta de vacinação em dia, porém poucos realizaram exame para constatar imunização após vacinação.

O período letivo não apresentou influência considerável quanto ao número de alunos vacinados.

A grande maioria dos alunos (95,8%) mostrou conhecimento quanto ao alto risco de contágio da hepatite B na prática clínica, porém os resultados sugerem uma maior divulgação sobre as doenças de grande risco ocupacional.

Um programa de educação continuada e o estabelecimento de protocolos vacinais são medidas que podem contribuir para reduzir o risco de contaminação nos casos de acidentes de trabalho.

Há a necessidade de um monitoramento do esquema de vacinação e divulgação de um calendário proposto pela Universidade, para a adequada orientação aos acadêmicos e futuros profissionais.

Referências |

- 1 Andrade FB, Miotto MHMB, Martinez CS. Perfil dos estudantes de Odontologia da UFES com relação a hábitos e atitudes. *UFES Rev Odontol* 2004; 6(3):6-12.
- 2 Angelo AR, Queiroga AS, Gonçalves LFF, Santos SD, Sousa CFS, Soares MSM. Hepatite B: conheci-

- mento e prática dos alunos da UFPB, 2006. Pesquisa Brasileira de Odontopediatria e Clínica Integrada, 2007; 7(3):211-6.
- 3 Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Política de Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Exposição ocupacional a material biológico-hepatite e HIV: manual de condutas. Brasília: Ministério da Saúde; 1999.
- 4 França GV. Riscos ocupacionais da equipe de saúde: aspectos éticos e legais. Resumo de trabalho apresentado na mesa-redonda “Riscos Ocupacionais da Equipe Médica”, no XX Congresso da Associação Médica Fluminense, Niterói, 10 a 14 de agosto de 1999.
- 5 Garcia LP, Blank VLG, Blank N. Aderência a medidas de proteção individual contra hepatite B entre cirurgiões-dentistas e auxiliares de consultório dentário. Rev Brasileira de Epidemiol 2007; 10(4): 525-6.
- 6 Gir E, Caffer Neto J, Malaguti SE, Canini SRMS, Hayashida M, Machado AA. Acidente com material biológico e vacinação contra hepatite B entre graduandos da área de saúde. Rev Latino-Am em Enfermagem 2008; 16(3):401-6.
- 7 Loureiro AV, Aguiar MMA, Lopes MLS. Calendário de vacinação ocupacional: verificação do conhecimento de sua existência por acadêmicos dos Cursos de Farmácia, Fisioterapia e Enfermagem da FAMINAS, Revista Científica da FAMINAS 2007;3(1):33.
- 8 Mendes R. Patologia do trabalho: atualizada e revisada. 2 ed. São Paulo: Atheneu; 2005.
- 9 Orestes-Cardoso SM, Farias ABL, Pereira MRMG, Orestes-Cardoso AJ, Cunha Júnior IF. Acidentes perfurocortantes: prevalência e medidas profiláticas em alunos de Odontologia. Rev Brás Saúde Ocup 2009; 34(119): 6-14.
- 10Setto JM, Silva SL, Gomes MA, Resende MJCC, Santos GS. Adesão à vacinação contra hepatite B dos profissionais da divisão da saúde da Universidade Federal de Viçosa. Revista Científica da FAMINAS 2008;4 (sup.1):26.
- 11Theodoro ED, Miotto MHMB, Barcellos LA, Grillo CHB. Acidentes de trabalho e vacinação em cirurgiões-dentistas. Rev Bras Pesq Saúde, 2009; 11(1):27-32.
- 12Yoshida FT. Hepatite B como doença ocupacional. In: Teixeira P. Biossegurança: uma abordagem multidisciplinar. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2002.

Correspondência para/ Reprint request to:

Maria Helena Monteiro de Barros Miotto

Universidade Federal do Espírito Santo

Av. Marechal Campos 1468 Maruípe

Vitória ES

Tel.: 3335-7356

mbmiotto@terra.com.br